

to. O Prudêncio, não. Por mais dois anos trabalharia na roça do João José, em pagamento da sua liberdade “conseguida” a 2.7.1887.

Também o Quirino, a Bernardina e, quem sabe, quantos mais negros e negras — meio livres e meio escravos — recebendo comida a catre por forças de um astuto contrato de trabalho. Alguns, felizardos, podiam ter “4 parelhos e um cobertor” ao ano. Para enrolar nele a mágoa de ver adiada — sob a legitimidade inquestionável do contrato de trabalho, a sua efetiva libertação.

*

SESQUICENTENÁRIO DE JOSÉ DE ALENCAR(*)

Mario Pires

“Era alta noite; sombras espessas cobriam as margens do Paraíba.

De repente, um rumor surdo e abafado, como de um tremor subterrâneo, propagando-se por aquela solidão, quebrou o silêncio profundo do ermo. Peri estremeceu; ergueu a cabeça e estendeu os olhos pela larga esteira do rio, que, enroscando-se como uma serpente monstruosa de escamas prateadas, ia perder-se no fundo negro da floresta. O espelho das águas, liso e polido como um cristal, refletia a claridade das estrelas que já desmaiavam com a aproximação do dia; tudo estava imóvel e quedo.

À beira do rio elevava-se uma bela palmeira, cujo alto tronco era coroado pela grande cúpula verde, formada com os leques de suas folhas lindas e graciosas.

Os cipós e as parasitas, engrazando-se pelos ramos das árvores vizinhas, desciam até o chão, formando grinaldas e cortinas de folhagens, que se prendiam às hastes da palmeira...”

Perde-se nas sombras do tempo, a lembrança deste primeiro trecho das impressionantes cenas da tempestade, do romance “O Guarani”, de José de Alencar, que ouvi na voz da professora do quarto ano do grupo escolar.

Depois, quando o livro me chegou às mãos e, pela vez primeira, eu mesmo pude ler as arrebatadas e encatadoras páginas do maior romance de Alencar... E, até hoje, passados tantos anos, e experimentadas tantas emoções em minha “vida comovida” — como titulóu um de seus magníficos trabalhos, o amigo acadêmico Fernando Góes — é um renovar de estremecimentos e gozos estéticos, a releitura da obra famosa, enfim, de todos os livros de Alencar.

* Conferência proferida na Academia Campinense de Letras.

José Martiniano de Alencar nasceu a 1º de maio de 1829, em Mecejana, Ceará, cidade junto da bela Fortaleza, e não sei porque, decorridos mais de cem anos de sua morte, nunca seus conterrâneos, pelas principais autoridades, providenciaram dar seu nome ao berço natal, quando várias personalidades tiveram melhor sorte, como Coelho Neto, Humberto de Campos, Casimiro de Abreu e muitos outros. Estamos, portanto, no sesquicentenário de José de Alencar e a data deve ser intensa e expressivamente comemorada em todo o país, dadas a universalidade e a atualidade sempiternas do onímodo criador de Iracema.

Como seu profundo admirador e não tendo outro acadêmico de nossa entidade, se oferecido para fazê-lo e o faria com muito mais brilhantismo — eis-me aqui, reverenciando um dos autores de minha preferência. E, assim, a Academia Campinense de Letras também se insere no rol de homenagens ao ilustre irmão de idéias e ideais.

Homenagens que não se podem restringir aos meios literários e acadêmicos, porque o grande autor foi tudo em sua luminosa e breve existência de 48 anos. Foi escritor, o maior romancista brasileiro, ensaísta, cronista, poeta, dramaturgo, crítico, publicista, advogado, jurisconsulto, orador parlamentar, deputado e Ministro do Império e em todas as suas atividades, se houve com o mesmo fulgor !

Machado de Assis impera como o grande purista de nossa língua, é considerado o nosso maior escritor, mas perde para Alencar em atualidade e beleza de estilo.

O autor de “D. Casmurro” é um escritor de leitura, às vezes, cansativa, porque muito sutil, enquanto que Alencar, embora sem a mesma pureza de vernáculo, é mais natural, acessível a todos os leitores, adultos ou jovens, letrados ou não. Daí a sua universalidade e atualidade. Daí porque se lê muito mais Alencar, do que Machado.

O novo Ministro da Educação e Cultura, o crítico Eduardo Portela, fazendo um confronto entre os dois, disse que “Sem Alencar não teria havido Machado de Assis”; que “Alencar asfaltou a estrada que Machado percorreria.”

Gostaria de saber as razões dessa afirmação do atual e jovem Ministro, mesmo porque um é diametralmente oposto ao outro.

É interessante e oportuno, traçar um paralelo entre o “romantismo” (a “escola” de Alencar, Machado, Taunay e muitos outros), e as reações dos meios literários contra esse modismo na literatura, que alguns autores atribuem a Rousseau, que, por sua vez, teria inspirado os dois grandes vates germânicos, Goethe e Schiller.

“A fase “romântica” — diz um autor — trouxe-nos a maravilha do “romance”, com uma técnica já segura e adulta, pela pena de José de Alencar, sobretudo. Deu-nos, pela primeira vez, um “estilo brasileiro”, ainda pela pena do autor de “Iracema”.

Vem o “parnasianismo”, influenciado em parte, pelos anseios de liberdade, inspirado no republicanismo e no positivismo, em nosso meio. Nossos escritores reagem à sentimentalidade romântica e ao subjetivismo espiritualista do “romantismo”.

Depois, outras “escolas” vão-se sucedendo, como o “simbolismo” e, no albor do século, as várias “escolas” encontram-se em linhas indefinidas, tanto que alguns autores chamam-na de “fase crepuscular”.

“Um pouco de “parnasianismo”, outro tanto de “simbolismo”, manifestações “realistas”, “impressionistas”, um incipiente “livre-metrismo”, prenúncios de renovação” — diria “revolução” (n. do a.) até alcançarmos o famoso “movimento modernista”, que culmina em São Paulo, com a famosa “Semana de Arte Moderna”, de 22.

Passam-se os tempos, surgem novos e grandes nomes na prosa e na poesia, tantos, que é impossível citá-los e, por incrível que pareça, na antevéspera de um novo século, o que se nos depara, surpreendentemente ? !

A volta, ou melhor dizendo, a permanência constante e ininterrupta do genial José de Alencar, um escritor profunda e arraigadamente “romântico”, numa trilha fulgurante de mais de cem anos !

É lembrado, é representado, é lido nestes anos tão pragmáticos e materialistas, tecnocráticos, enfim, com o mesmo interesse e sabor que seus romances despertavam no século passado !

E, aos que torcem o nariz e esboçam risos galhofeiros às imortais obras do autor de “O Guarani”, seus livros e sua popularidade dão a melhor resposta.

E ele já “respondia” à chamada “conspiração da posteridade” que o relegara a segundo plano pelos críticos literários do fim do século e começo do atual, que, com certa maldade, diziam ser os “romances alencardinos” apenas do regalo dos jovens sonhadores, e as suas leituras prazerosas e supérfluas, típicas de espíritos pouco exigentes ou das formações intelectuais pouco profundas.”

No entanto, por que, em nossos dias, Alencar suplanta tantos clássicos ? ! Alguma razão deve ser juntada à intuição e à preferência de várias gerações de leitores, até os dias atuais.

Alencar vive em nossos dias, segundo a crítica mais esclarecida, portanto, não apenas no gosto do leitor comum. E há várias razões para essa distinção: porque suas obras exprimem um ideal de conteúdo e forma nacionais; pelo que de identidade que seus romances mostram com a nova forma de poesia.

Deixando de lado as demais e inúmeras atividades de Alencar, já que estamos tratando aqui de sua profunda obra literária, podemos afirmar que o leitor de hoje, que lhe procura e lhe encontra o bálsamo, o lenitivo, o refúgio, o escape aos tormentos do cotidiano, à pressa do dia-a-dia, à inflação, às várias formas da poluição, a todos os males da vida moderna, pode o leitor escolher os vários tipos de seus romances, como o “gourmet” escolhe voluptuosamente o cardápio preferido.

Porque, no extenso romanceiro do extraordinário escritor, podemos escolher, segundo nossas preferências, o “romance histórico” e, entre eles, “O Guarani”, “Iracema”, “As Minas de Prata”, “A Guerra dos Mascates”. Os “urbanos”, como “A Viuvinha”, “Cinco Minutos”, “Pata da Gazela”, “Lucíola”, “Sonhos d’Ouro”. Ou os “regionalistas”, entre os quais, “O Tronco do Ipê”, “1871”, “Til”, “O Gaúcho”, “O Sertanejo”.

Sim; José de Alencar suplanta os antigos e os contemporâneos na preferência do leitor. Sua prosa, pelas expressões, pelos tropos, pela onomatopéia, pelo estilo, enfim, é um poema de lirismo que arrebatava e enternecia.

Porque ele escreve com sentimento, com imaginação e sua pena vai deslizando pelo mundo da fantasia.

Não faz muito, houve uma pesquisa entre os mais variados leitores, aos quais foram apresentados títulos de livros e certos períodos de romances de bom número de escritores.

O mais conhecido e identificado, foi o nosso inefável Alencar, cujos trechos de histórias ficaram indelevelmente gravados !

De fato: quem não conhece e identifica estes belos períodos do imortal “Iracema” ? :

– Verdes mares bravios de nossa terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba !

– Onde vai a afoita jangada que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela ?

– Soprem para ti as brandas auras, e para ti jaspeie a bonança, mares de leite !

– Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira !

O grande papel de Alencar, sem dúvida, foi o de iniciar, de certo modo, as formas brasileiras da ficção, com seus quadros e personagens típicos, despertando o acúleo da crítica nacional — Franklin Távora — e do exterior — Castilho. É a fase indianista de “O Guarani”, “Iracema” e “Ubirajara”, os dois primeiros, aliás, de sucesso não mais superado em toda a sua carreira.

Trouxeram uma visão opulenta da natureza brasileira, em painéis soberbamente pintados por um artista embriagado de luz, de som, de cor e de vida !

“Ele foi — depôs seu ilustre filho, escritor Mário de Alencar — paralelamente um poeta de idealizações extremas e um homem prático e positivo: o primeiro, dominado pela imaginação, pelo sentimento e pela fantasia; o segundo, pela razão, pela realidade e pela prudência; no primeiro prevalecia o talento, no segundo, a inteligência. A Obra do primeiro criou-se espontaneamente, sem propósito; a do segundo, foi o produto da vontade. Unia-os um traço comum: a índole, a alma brasileira.

E nunca é demais lembrar as afirmações do escritor Brito Broca, que, com muita propriedade, disse:

“Das histórias maravilhosas da infância, passamos, na adolescência e na juventude para os seus romances; e, depois, retornar a eles é sempre ir em busca das ilusões perdidas, num doce movimento de recuperação sentimental. Os estrangeiros nunca poderão julgá-lo nem senti-lo da mesma forma, porque lhes falta a aderência lírica, mercê da qual o romancista nos acompanha pela existência afora, como um velho companheiro de colégio. Ler Alencar é para nós um estado de alma. Num velho lar brasileiro é sempre fácil encontrar, num fundo de gaveta, alguma brochura amarelada e já trelida do romancista...”

Mas, tendo sido Alencar, uma personalidade múltipla, seria injusto determo-nos apenas na sua atividade literária.

Decorridos cento e poucos anos de sua morte, é fácil verificar, através da biografia do escritor, que a atualidade sempiterna de seus trabalhos, estende-se com o mesmo fulgor a todas as suas atividades e pensamentos.

Como homem público e ministro do Império, embora fiel ao regime e amigo sincero de Pedro II, sabemos, através de suas célebres “Cartas de Erasmo”, de suas contundentes críticas aos erros da política do imperador.

No dizer de Tristão de Athayde, Alencar, apesar de político conservador, era homem de temperamento liberal, inflamado e combativo, sempre em defesa — como, mais tarde Rui Barbosa — dos humildes e injustiçados.

“Se vivesse nos dias de hoje — prossegue o ilustre pensador católico — seria enquadrado como subversivo !”

No terreno literário e editorial, teríamos em nosso homenageado, um aliado formidável, tanto na luta contra a censura, como nas restrições e tremendas dificuldades do escritor novato que se tenta publicar e não consegue, devido às “igrejinhas” e aos problemas econômicos.

No último 1º de maio, data de nascimento de Alencar, não vi o número de homenagens a que ele tanto se fez e faz merecedor. Apenas um editorial de um matutino de São Paulo, em que o comentarista, num rápido apanhado, disse bem, entre outras coisas:

“Na verdade, o sesquicentenário de nascimento de José de Alencar não teria importância alguma, se seu nome não valesse atualmente o que valeu no passado.

No sesquicentenário de nascimento de um dos nossos principais escritores, fica o Brasil a dever o tributo àqueles que, pela subnutrição ou pela intransigência, não estamos permitindo participar de nossa História. Esta não é uma constatação de que nos poderíamos orgulhar, ou que José de Alencar desejaria para o País que tanto amou.”

Reverenciemos e exaltemos esse homem extraordinário que, no dizer do cronista, “não acabou. Explodiu como uma estrela, e à luz das estrelas mortas fica brilhando no céu muito tempo depois que elas se extinguem” e a luz de Alencar é inextinguível, pois continua brilhando e brilhará eternamente.

*

CRÔNICA FRANCANÁ

Odilon Nogueira de Matos

Ao longo de mais de quarenta anos de vida profissional adquiri uma razoável experiência de participação em congressos, simpósios, conferências, jornadas, semanas, encontros, seminários, mesas-redondas ou coisas similares, por este Brasil afora. Raro o Estado onde não estive participando de reuniões dessa natureza. Poderia pontilhar o mapa de nosso País com inúmeras cidades onde me reuni a colegas das mais diversas procedências para a discussão de temas de interesse comum. E dentro da mais variada gama de preocupações: História, Geografia, Engenharia, Educação, Transportes, Filosofia, Sociologia, Artes, Folclore, Literatura, Religião... Participei até de congressos sobre temas que não me interessavam de maneira alguma, mas aos quais me senti obrigado a comparecer a fim de representar entidades a que estava vinculado. E é com a maior satisfação que recordo que minha iniciação nessas atividades foi nesta própria cidade,